

Para 1986, previsões pouco alegres dos economistas paulistas

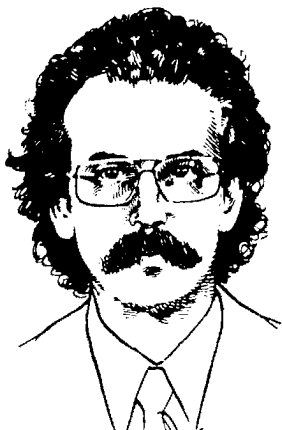
por Vera Brandimarte
de São Paulo

Os economistas se enganaram em seus prognósticos sobre a economia em 1985. A expansão econômica continuou em ritmo acelerado, sustentada pela demanda do mercado interno, e as perspectivas de explosão inflacionária não se confirmaram, embora as taxas também não tenham caído para patamar mais baixo. Agora, o mesmo pessimismo quanto a uma possível elevação das taxas de inflação está presente nos prognósticos para o ano de 1986, conforme pôde ser constatado nos artigos publicados na Carta de Conjuntura do Conselho Regional de Economia de São Paulo neste mês de dezembro.

ASCENSÃO

Ao expor ontem as idéias contidas em seu artigo, o economista José Roberto Mendonça de Barros afirmou que as taxas de inflação anualizadas, dos dois últimos trimestres deste ano, estão próximas a 250%, mas a expectativa de sua ascensão deve-se a dois agravantes nesse quadro: a quebra da safra agrícola, que deverá repercutir negativamente nos preços agrícolas no próximo ano, e a necessidade de recomposição dos preços públicos, dois fatores que não existiam no horizonte das análises econômicas do final do ano passado.

Mendonça de Barros considera, entretanto, que, embora a inflação em janeiro e fevereiro deva manter-se em patamar elevado, ela poderá cair em meados do ano, devendo repetir o comportamento de 1985, caso o governo realmente consiga êxito na administração do corte dos gastos e no orçamento das estatais e fundos e programas. De resto, ele acredita que o governo conseguirá equacionar seu déficit com a desmobilização do ativo público e ganhos tributários, caso seja aprovado o "pacote" pelo Congresso.



José Roberto Mendonça de Barros

ELEIÇÕES

Mas o economista Paulo Singer, do Cebrap, ressaltou, em sua exposição, um outro fator de pressão inflacionária forte: a continuidade das demandas por recomposição de salários, particularmente num ano de eleições. Singer destaca o caráter corporativista do movimento sindical: "Uma categoria hoje faz uma greve com sucesso e cria um padrão para as reivindicações de outras categorias. Se não houver um acordo, um pacto social, como queiram chamar (que inclua a redução da taxa de inflação), essas demandas salariais poderão levar à hiperinflação.

Enquanto Mendonça de Barros considera que um crescimento da economia a níveis acima de 6 a 7% poderia comprometer o saldo da balança comercial necessário para cobrir o serviço da dívida externa, Paulo Singer observa que taxas de expansão de 8 ou 10% poderiam atenuar as pressões inflacionárias e evitar o choque de oferta.

Os dois economistas concordam com a necessidade de que se façam novos investimentos. Mas os empresários ainda estão inseguros quanto à renegociação da dívida externa e à inflação, diz Mendonça de Barros, e por essa razão não há projetos novos de investimento pesado.